

Sobre possíveis aproximações entre a *transferência* em Freud e o *eterno-retorno* em Nietzsche¹

Possible relation between the transference in Freud and the “eternal-return” in Nietzsche

Carolina Stopinski Padoan²

Grita de dor o grande homem – e já corre para lá o pequeno, com a língua de fora, babando-se de gosto. Mas chama-lhe ‘compaixão’. (...)
O homem é o animal mais cruel contra si mesmo; e em todos os que se dizem ‘pecadores’ e ‘penitentes’ e ‘portadores de cruz’, não vos passe despercebida a volúpia que há nesses lamentos e acusações! (...)
‘Ah, quão insignificante é o que ele tem de pior! Ah, quão insignificante é o que ele tem de melhor!’ (...)
‘Eternamente retorna o homem de que estás cansado, o pequeno homem’ – assim bocejava a minha tristeza, arrastando da perna e sem poder adormecer.
‘Ah, eternamente retorna o homem! Eternamente retorna o pequeno homem!’
Nus, um dia, eu vira ambos, o maior e o menor dos homens: demasiado semelhantes um ao outro – demasiado humano, ainda, também o maior!
Demasiado pequeno, o maior! – era esse o fastio que sentia do homem. E eterno retorno também do menor! – era este o fastio que sentia de toda a existência! (...)
Mas o encadeamento de causas em que sou tragado retornará – e tornará a criar-me! Eu mesmo pertenceo às causas do eterno retorno.
Retornarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente – não para uma vida nova ou uma vida melhor ou semelhante – (...), para que eu volte a anunciar aos homens o super-homem.
Assim – termina o ocaso de Zaratustra.
(NIETZSCHE, 1986, p. 227)

Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia as novas descobertas. Ninguém se apercebeu mais profundamente dos motivos duais da conduta humana, e da insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente. O seu Zaratustra diz: ‘a dor grita: vai! Mas o prazer quer eternidade, pura, profundamente eternidade’ (FREUD, 1988, p. 57 In: NAFFAH NETO, A. 2002, p. 17).

¹Trabalho apresentado no primeiro ano do Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica do CIPT. Orientado pelo Psicanalista Roaldo Machado. Porto Alegre, 2005.

² Formanda do Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica na Clínica de Crianças, Adolescentes e Adultos do CIPT. Porto Alegre, 2007.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo pensar a prática psicoterápica psicanalítica do fenômeno humano como algo que se insere na produção afirmativa de subjetividade. A autora, sob a interferência da obra de *Nietzsche - A Gaia Ciência* - de 1882, trata do enlace entre o conceito de *Transferência* em Freud, e o mito do eterno-retorno.

Summary: The objective of this article is to reflect upon psychoanalytic practice of the human phenomenon as something that is in the affirmative production of subjectivity. The author, based on Nietzsche - the Gaia Science, deals with the relation between the concept of Transference in Freud, and the myth of the eternal-return.

Descritores: transferência; mito; eterno-retorno; Freud e Nietzsche.

Keywords: transference; myth; eternal-return; Freud and Nietzsche.

Propomos pensar a prática psicoterápica psicanalítica do fenômeno humano como algo que se insere na produção afirmativa de subjetividade. Escolhemos tratar o tema a partir do conceito de *Transferência*, palco no qual esta prática toma seu lugar, à luz do mito do *eterno retorno* - conceito interessante do campo da filosofia, a fim de acrescentar à discussão um tom questionador. Essa junção explica-se na crença de que a filosofia é uma área do conhecimento que se ocupa das abstrações criativas do nosso pensar e contemplar o mundo, características das quais a clínica não pode prescindir.

Com a ajuda desta interface pretendemos fazer um paralelo com a produção cultural de nossa existência. Neste propósito é fundamental problematizar: o que entendemos por sujeito; como nos formamos sujeitos e sujeitos de nosso tempo, de nossa própria vida³; o que entendemos de seus corpos e de seus desejos; como percebemos essa vida tal como ela se desenlça aos nossos olhos. Nesse sentido, pensar a Psicanálise como algo do *Humano, demasiado humano*⁴ - não se restringindo ao que é teórico e ao que é técnico.

Delimitamos este desprezioso olhar sob três textos de Freud: o epílogo do historial clínico *Dora*, de 1905; no texto *A dinâmica da transferência*, de 1912 e no capítulo sobre *A técnica da psicanálise* do seu *Esboço de Psicanálise*, de 1938 - lidos sob a interferência (aqui, provocada por minhas leituras de *Nietzsche*) de um aforismo tirado da obra *A Gaia Ciência*, de 1882, que toca no mito do *eterno-retorno*. É dentro da maneira como Nietzsche descreve esta passagem, na qual esboça o conceito de eterno-retorno, que tentaremos estabelecer algum enlace possível entre esses dois mundos. Concluindo, acrescentamos uma bela expressão sobre essa idéia de aproximação que nos traz Alfredo Naffah Neto em seu artigo que enlça a Psicanálise com a Tragédia Grega, através dos escritos de Nietzsche:

Entretanto, se elas me motivaram, num primeiro momento, é sem dúvida, a fecundidade da proposta no âmbito da prática clínica que me têm feito prosseguir nessa direção. Percebo, cada vez mais, o quanto ela [a aproximação] potencializa e afia as ferramentas psicanalíticas, possibilitando um acesso mais fácil às múltiplas facetas, contradições e lutas internas que definem a subjetividade contemporânea (NAFFAH NETO, 2002, p. 18).

³ Na perspectiva de que acreditamos que devemos trabalhar com a vida como ela é, com corpos erógenos que vibram, que sofrem, que adoecem e que estão constantemente se (re)produzindo e se destruindo, em uma espécie de relação dialética de mútua preservação e negação de desejos.

⁴ Título de obra de Nietzsche datada de 1878.

O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e incontestáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagara talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontestáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não **desejar nada** além desta última, eterna confirmação e chancela? (NIETZSCHE, 2001, p. 230).

O primeiro ponto que desejamos discutir é como a trajetória descrita no aforismo, citado acima, pode ser lida como uma metáfora para o nascimento da *transferência* dentro da teoria psicanalítica. Foi nos *Estudos sobre a histeria* que Freud (1895 / 1989, p. 291) empregou pela primeira vez o termo transferência (*ubertragung*, no alemão original). Nesta época, ainda entendida como um processo resistencial, ou seja, era restrita a visão que se tinha deste conceito. Tal qual o brilhante demônio do aforismo, foi chamada pelo próprio Freud nesse mesmo texto de “o pior obstáculo que podemos encontrar” (1895 / 1989, p. 291), consistindo em um *falso enlace* que impedia o conteúdo sexual infantil da neurose de ascender à consciência⁵.

Porém, tão brilhante como a disposição de Nietzsche de que se pode *experimentar esse instante imenso*, Freud foi em frente em sua elaboração e vivência clínica para nos trazer uma importante virada do conceito de transferência ao apresentar o epílogo de seu caso clínico *Dora*. Essa mudança pode ser sentida desde o fato em que admite a relevância dessa experiência para o desenrolar do processo terapêutico, bem como de seu (in) sucesso em atingir os objetivos analíticos do tratamento: (...) omiti por completo a técnica, que nada tem de óbvia e unicamente através da qual se pode extrair da matéria-prima das associações dos enfermos o metal puro dos valiosos pensamentos inconscientes (FREUD 1905 / 1989, p. 107).

Assim, Freud nos dá notícias de como pode ter se dado esse encontro, citado em Nietzsche, com o deus-demônio da repetição: algo doloroso, mas algo do encontro com a vida, uma produção do encontro de duas pessoas, de um encontro com o mundo, não obstante, algo que cria um novo olhar, ou, um olhar desde um outro ponto de vista. Uma experiência que pode ser produtiva e afirmativa, desde que vivida em todas as suas dimensões, não negada: aquilo que pode ser útil para o sucesso e o prosseguimento do desenvolvimento da Psicanálise, aquilo no qual não se pode abrandar o investimento do olhar clínico, tornando-se justamente a mais importante criação daquele campo e a chance de saída do mesmo. E assim como podemos nos dar conta do que existe de belo, de duro e de sofrido nas experiências, podemos perceber que é precisamente no ponto da transferência que reside a chance da vida poder se beneficiar de uma análise – desde o momento em que pode se reproduzir no *setting* tal possibilidade de recriar esta *vida como ela é*.

É nesse campo que a vitória tem de ser conquistada – vitória cuja expressão é a cura permanente da neurose. Não se discute que controlar os fenômenos da transferência

⁵ ZIMERMAN, 1999, p. 331.

representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie* (FREUD 1912 / 1989, p. 143).

O segundo aspecto que desejamos discutir reside na descrição deste encontro e no valor da descoberta dessa proximidade que pode existir entre aqueles dois pólos de percepção – um que absolve e outro que condena. Pensamos ser esse instante vivido com *o maior dos pesos* um paradoxo símbolo da força que pode ter o fenômeno humano: desde que não nos destinemos nem aos infortúnios dos demônios que vivem dentro de nós mesmos, nem ao endeusado paraíso intocável; mas sim, que tenhamos corpo, envergadura para viver a tensão de pertencer e habitar estes dois mundos. E assim, vai trilhando a psicanálise e a transferência, do maior dos obstáculos ao mais importante quesito técnico, sem abdicar dessas importantes qualidades vivenciais, pois justamente essas características moldam e dão sentido à sua utilidade no tratamento dos nossos pacientes.

Inclusive, a respeito disto, Freud chega a afirmar em um de seus últimos escritos que uma das vantagens da transferência é a clareza plástica com que o paciente pode trazer sua história para dentro da análise e participá-la ao analista, em oposição à limitação que um relato contado pode oferecer (FREUD, 1938 / 1989, p. 203).

É nesse exato instante do encontro, o da renúncia em desaguar e esvaziar sua existência, que pode entrar a psicoterapia psicanalítica na afirmação de produção de sentidos, de produção de subjetividade e vida em nós humanos. Trabalhar com nossos pacientes para que não sejam leves, pois fracos, mas que tenham o peso da existência em suas mãos reais, e não em mãos divinas, longe demais para serem tocadas por nós mortais. E assim se faz a análise e o analista, que não é nem a personificação de um deus salvador e muito menos de um demônio que confina à desgraça, mas sim que vive também na sua pele *o maior dos pesos* junto com aquele ser que o procura, auxiliando e sendo auxiliado a enfrentar os degraus da nossa existência. Que a análise e o analista trabalhem para que se desenvolva algo que nos torne potentes para suportar o nosso próprio peso de existir, para que não finjamos nos livrar daquilo que é nossa criação; e que cada retorno seja acrescido de mais um detalhe de *mim mesmo*.

O terapeuta, nessa visão, participa favorecendo um espaço de encenação de mais um desses infinitos atos de vida; empresta seu corpo para uma parte dessa peça infinita (de atos incessantes), e ajuda assim seu paciente na possibilidade de construir novos papéis nesta *tragédia*, reencenando sua própria vida a partir desta chance que lhe é dada de repetir, sempre acrescentando a marca afirmativa de sua potência de vida.

O trabalho analítico não é multiplicado pela transferência; de fato, é-lhe indiferente ter de superar a respectiva moção do enfermo ligada a sua pessoa ou a alguma outra. Mas o tratamento tampouco obriga o doente, com a transferência, a qualquer nova tarefa que de outro modo ele não executasse. (...) O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas da vida anímica (FREUD 1905 / 1989, p. 111).

No entanto, é importante dizer que essa forte aproximação do encontro que se dá do campo analítico para a vida como ela é, não é a mesma que se faz entre analista e analisando, sem que se admitam as devidas restrições. O paradoxo aqui também não é eliminado: existe, dentro da pessoa do terapeuta, a necessidade de um envolvimento distanciada entre a parte que se dispõe a

acolher e reviver, e outra que pode ser mais livre para, num afastamento necessário, poder pensar e processar a análise (NAFFAH NETO, 2002, p. 20). E será que não se poderia entender esse processamento da análise como o final do aforismo de Nietzsche? Como se sentir tão bem com sua vida que se desejaria que ela retornasse, através das oportunidades de fazer novas escolhas, para seguirmos escrevendo nossos atos?

Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. Isso produz o que se poderia descrever como um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa, (...) (FREUD 1912 / 1989, p. 133.).

Ora, se assim descreve Freud o nosso desenvolvimento, também ele nos traz a saída para esse emaranhado amoroso a que nos submetemos durante nossa vida, o pesaroso sentir de nossas urgências afetivas e erógenas. Mais além, neste mesmo parágrafo, acrescenta que ao longo da nossa existência, temos a oportunidade de encontrar certos tipos de objetos e experiências amorosas que conseguem desfrutar de impulsos que puderam passar por todo o processo de desenvolvimento psíquico. Mas existe uma outra gama de impulsos que não obteve permissão para se tornarem disponíveis para nosso consciente, apenas subsistindo em nossa fantasia, pelo menos em algum grau. E que essa nossa necessidade ou capacidade de amar, que não pode ser inteiramente satisfeita pela realidade, provoca uma certa antecipação de idéias libidinais inconscientes, que sem nos darmos conta, acabam tendo certo grau de determinismo cego em nossas investidas no mundo. Então, concluímos que nesse tipo de catexia libidinal, a qual se configura parcialmente satisfeita pela vida como ela é, pode despertar-se, dentro do processo analítico na direção da figura do psicoterapeuta, que tentará recriar e recorrer a protótipos (FREUD, 1912 / 1989, p. 134). E a grande saída desta situação encontra-se justamente no fato de que o analista, com seu envolvimento distanciado, não responderá ao seu paciente desde esse lugar estereotipado criado por esta catexia; mas sim que respondendo desde um outro lugar, coloca em movimento uma abertura de novas possibilidades de satisfação destes impulsos na vida de seu paciente. O analista se deixa entrar neste protótipo, porém não responde a ele.

Na psicanálise, (...) despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis; mediante sua conscientização elas são aproveitadas para fins de análise, e com isso a transferência é repetidamente aniquilada. A transferência, destinada a constituir o maior obstáculo à psicanálise, converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la a cada surgimento e traduzi-la para o paciente (FREUD 1905 / 1989, p. 111).

Assim, parece importante frisar de algum modo a advertência que Freud nos traz para o papel que vamos ocupar como psicoterapeutas frente a tão intenso fenômeno. Ao considerarmos a *vivência* como algo extremamente significativo dentro do processamento da análise, e que é viabilizada através da transferência, não podemos escorregar para um modelo pedagógico, um modelo ideal para nossos pacientes, *criando no lugar deles* saídas para seus conflitos. Este é um equívoco que caminha na contramão dos objetivos de um tratamento de base psicanalítica: utilizar uma espécie de influência que acaba por esmagar a independência e a possibilidade de desenvolvimento de potência de vida para o sujeito que busca nossa ajuda; que cria uma outra

dependência, ou melhor, substitui a dependência primitiva por uma nova, agora, do analista (FREUD, 1938 / 1989, p. 202).

Enfim, é a partir desta chance de abertura de um discurso, e não de um *criar homens à sua própria imagem* (FREUD, 1938 / 1989, p. 202), que se desenvolve no campo analítico possibilidade de construção de novos sentidos para a vida que retorna ao analisando. Juntamente com a perspectiva de poder encenar um outro pedaço deste ato amoroso que nos constitui sujeitos desde o nosso primeiro respirar, é que se pode construir um estilo de vida, um estilo potente de vida, capaz de sustentar as intensidades que nos tornam seres humanos desejan-tes de criação, de destruição e de recriação de nós mesmos.

Considerações Finais

Para concluir, pensamos que justamente o que liga este aforismo a transferência são que ambos trabalham no sentido da possibilidade que a vida pode nos oferecer – e nós mesmos como parte constituinte desta vida – de darmos conta dos nossos dilemas não resolvidos. E é exatamente na admissão de que estes dilemas existem, que não foram por nós digeridos, e que nos atormentam e nos atrapalham, que reside a chance de nos livrarmos deles, pelo menos de seus resultados imobilizantes de nosso desejo. E para decifrar este enigma por trás de nosso dilema existencial não basta sabermos a razão daquele sujeito se constituir de uma forma, mas como esta forma se reproduz em sua história. Afinal, a singularidade que reclama a Psicanálise e a Filosofia está na forma do sujeito se reproduzir, reproduzir seu funcionamento e suas marcas, e, mais importante, como este conjunto pode escravizar o desejo que dele não consegue se desvencilhar e nem olhar através.

Então, podemos esperar que o eterno retorno se apresentará em nossas vidas, o jeito parece ser repetir esse conjunto na análise, na transferência, que caminhará no sentido de encontrar um outro destino possível para essa eterna repetição. É tirar a linearidade de uma lógica instalada cegamente, podendo se perder *em volta* daquilo que somos para podermos criar algo novo.

Mas uma coisa sei: qualquer evento nos marca e nos transforma só na repetição ou, melhor dito, num segundo momento, em que ele é evocado, retomado e revivido. (...) Não que a vida seja um continuum. Ao contrário, não é; reconstituir (melhor dito, inventar) um sentido que ligue o presente ao passado é uma obra incessante, que nos oferece um conforto necessário, nos dá a sensação de que atos e fatos se inserem numa história, num conjunto, que somos nós. Aliás, reinterpretar o passado, descobrir (ou inventar) novos sentidos para o que aconteceu é quase sempre uma maneira de mudar nosso presente. Pois, no fim dessa empreitada, sendo o resultado de uma narração diferente, somos mesmo diferentes (CALLIGARIS, 2004, p. 136).

Referências Bibliográficas

- CALLIGARIS, C. Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. II, 1895 / 1989.
- FREUD, S. Fragmentos da análise de um caso de histeria. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1905 / 1989.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1912 / 1989.
- FREUD, S. Esboço de Psicanálise. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII, 1938 / 1989.
- FREUD, S. O valor da vida, Revista Ide, n. 15: 54-8, São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise, 1988, p. 57.
- GIACOIA Jr., O. Nietzsche como psicólogo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- NAFFAH NETO, A. Dez mandamentos para uma psicanálise trágica, Revista Percorso – Revista de Psicanálise, n. 28: 15-22, São Paulo, 2002.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- NIETZSCHE, F. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCHILLING, V. Nietzsche: em busca do super-homem. Porto Alegre: AGE, 2001.
- ZIMERMAN, D. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Endereço do autor: carolpadoan@hotmail.com